



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CECH – CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DHI – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FLÁVIA SANTOS LIMA

ANOS DOURADOS: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO
***JORNAL DAS MOÇAS* NA DÉCADA DE 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito para obtenção do grau de Licenciada em História, sob a orientação da professora Msc. Maria Izabel Ladeira Silva.

São Cristóvão/SE
2018.1

ANOS DOURADOS: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO JORNAL DAS MOÇAS NA DÉCADA DE 1950

Flávia Santos Lima¹

RESUMO

O presente trabalho, tem como proposta analisar a representação da mulher no *Jornal das Moças*, na década de 1950, período denominado “anos dourados”. O espaço geográfico da pesquisa será o Rio de Janeiro, sede e lugar de maior circulação do periódico. Este trabalho abordará as mudanças que caracterizaram os anos de 1950 como “anos dourados”, os principais acontecimentos que movimentaram o Rio de Janeiro e a importância da imagem das artistas de rádio, cinema e dos concursos de beleza no imaginário da mulher desse período. Será realizado, um levantamento da história da fundação do *Jornal das Moças*, dos seus fundadores, das características da revista e de seus colaboradores. Também será realizada uma análise das colunas, seções, ilustrações e testes da revista, buscando conhecer a mulher ideal, considerada “feminina” e representada nas páginas do *Jornal das Moças*. Feito isto, será buscado perceber o que essa imagem idealizada queria dizer a respeito da sociedade na época.

Palavras-chaves: *Jornal das Moças*. Mulher. Representação. Anos Dourados.

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História – pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: flavielly@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A mulher por muito tempo ficou restrita ao ambiente doméstico e a rígidas normas sociais que a circundavam. Vivendo em uma sociedade que restringia o acesso da mulher à educação e ao mercado de trabalho sua vida era totalmente voltada para o lar. Ela era a esposa, a mãe ou a filha, desta forma, as mulheres no decorrer de longos anos foram ensinadas a seguir esses papéis sociais e a partir deles foram criados diversos perfis de uma mulher ideal.

Um exemplo marcante é o período de pós-guerras, visto que, variados meios de comunicação e instituições traçam um perfil ideal de mulher, visando uma mulher voltada ao cuidado da família e da aparência pessoal. Isso ocorre principalmente na Imprensa Feminina, em que várias revistas, a todo instante, apontam um tipo ideal a ser seguido.

A Imprensa Feminina surgiu no fim do século XVII através do jornal *Lady's Mercury* no ano de 1693 na Inglaterra. A partir daí, surgiram vários periódicos destinados às mulheres. Já no Brasil a imprensa começou a funcionar no início do século XIX, tendo como primeiro periódico destinado às mulheres, o *Espelho Diamantino*, um periódico do Rio de Janeiro, lançado em 1827. (BUITONI, 1986)

O presente trabalho busca realizar um estudo acerca da representação das mulheres no *Jornal das Moças* na década de 1950. Tendo por objetivos: identificar o papel do periódico na sociedade carioca. Analisar a definição de mulher ideal difundida no periódico. Identificar os valores representados no vestuário, vida familiar e comportamentos. E identificar o público alvo do periódico, quem eram as leitoras do *Jornal das Moças*. Para isso, o presente trabalho será fundamentado na História cultural, um campo historiográfico que tem como proposta trabalhar: a mentalidade, a cultura, a representação e o simbolismo. Segundo Vainfas “a história cultural é, [...], um outro nome para aquilo que, nos anos 70, era chamada de história das mentalidades”. (1997, p.220) Isto se deu devido o sentido vago que a palavra “mentalidade” expressava aos historiadores. Sendo assim, a História cultural será trabalhada a partir da concepção de Roger Chartier por meio do conceito de representação, no qual, existe “o mundo texto” e “o mundo leitor” em constante relação, visto que, quem escreve e quem lê determinado texto está produzindo cultura. Sendo assim, a partir desta proposta buscamos conhecer a representação de mulher ideal nos anos de 1950 e este mundo em constante relação, a representação da prática e a prática da representação.

É notório que apesar do muito que já foi estudado sobre as mulheres, este é um tema que não se esgota, pois ainda há muito que explorar, sem falar que o campo sobre a História das Mulheres ainda está muito circunscrito ao ambiente acadêmico, não chegando a outros espaços sociais, como na educação básica, visto que, não se vê a presença da História das Mulheres nos manuais didáticos.

Pesquisar sobre as mulheres, seus papéis sociais, as relações estabelecidas entre gêneros são de suma importância para a compreensão das mudanças e permanências na sociedade atual. Estudar a mulher na década de 1950 é adentrar no mais íntimo de uma sociedade, afinal, era ela peça fundamental da vida doméstica. E é na busca de conhecer esta mulher ideal representada que visamos construir o nosso objeto de estudo.

Desta forma, o *Jornal das Moças* nos servirá de base para análise, pois este foi um periódico de grande circulação no Rio de Janeiro, e em variados estados brasileiros, garantindo entretenimento e direcionamentos ao perfil ideal de mulher a ser seguido. Por isso, estudar este periódico que tanto influenciou jovens solteiras e casadas da classe média se faz necessário. Portanto, queremos conhecer através da leitura deste periódico a mulher que ele criou e representou. Para isso, o *Jornal das Moças* será a nossa principal fonte, que se encontra disponível na hemeroteca digital da *Biblioteca Nacional* no formato PDF. Neste acervo se encontram 2422 edições até 1961, algumas dessas edições estão sem capas e pessimamente digitalizadas, faltando folhas finais. Todavia, para o presente trabalho utilizaremos as edições da década de 1950, tendo por metodologia a leitura e análise de duas edições de cada ano, sendo uma do 1º semestre e a outra do segundo semestre, totalizando 20 edições à guisa de corpus documental.

No presente trabalho desenvolvemos três partes a seguir, sendo a primeira um levantamento histórico e cultural do período denominado “anos dourados” e das principais atividades que movimentavam o cotidiano no Rio de Janeiro, lugar da fundação e principal meio de circulação do periódico. Na segunda trazendo um histórico desde a fundação e detalhamento das partes que compõe a revista feminina aqui analisada. Na terceira trazemos uma análise do discurso da revista sobre as mulheres e a representação que fazia delas no meio de suas páginas. E ao final trazemos as considerações finais, contendo o resultado que conseguimos perceber por meio da análise do periódico. Feito isto, ao estudar esta representação da mulher ela começa a ganhar corpo em nossas mentes, saindo do papel tornando-se uma mulher das várias que mantemos contato ao longo de nossas vidas.

2. OS “ANOS DOURADOS” E O RIO DE JANEIRO

No Brasil a década de 1950, conhecida por “anos dourados”, ocorreram diversas transformações no cenário político, econômico e cultural. No presente trabalho o uso do termo “anos dourados” representa o período de crescimento urbano, otimismo, maior acesso a informação, reafirmação da identidade nacional e ampliação das atividades de lazer, etc. De acordo com Bassanezi:

“O Brasil dos anos 50 viveu um período de ascensão da classe média. [...], o país assistiu otimista e esperançoso ao crescimento urbano e a industrialização sem precedentes que conduziram ao aumento das possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres.” (2004, p.608)

Nos anos iniciais desta década a política estava um tanto conturbada, devido as pressões exercidas pela oposição contra Getúlio Vargas culminando em seu suicídio, no ano de 1954. No entanto, a década de 1950 foi marcada pela modernização e industrialização, com a instalação da primeira fábrica de automóveis, no final dos anos 1950. Este processo teve a frente o presidente Juscelino Kubitschek que sob o lema “50 anos em 5” conseguiu construir Brasília, nova capital do Brasil, implantou a indústria automobilística e realizou várias obras de infraestrutura.

A década de 1950 é a década de elevação da classe média e do adjetivo “Novo” na cultura brasileira. É neste período que surgem a Bossa Nova e o Cinema Novo, também são introduzidos bens de consumo duráveis como: aparelhos de TV, máquinas de lavar, aspirador de pó, liquidificador, aparelho de barbear, geladeira e muitos outros equipamentos que começam a chegar à casa de mulheres de classe média e alta. Entre esses equipamentos, o rádio foi um aparelho que alcançou grande popularidade nos anos finais da década de 1940 até anos finais da década de 1950, sendo este período considerado a “era do Rádio” no Brasil, influenciando a vida familiar e principalmente a vida das “rainhas do lar”. Segundo Azevedo:

“Plenamente incorporado ao dia-a-dia (sic), o rádio passa a ser visto como um dos elementos da vida moderna que deveria estar presente em todos os momentos do dia. O rádio servia para, junto com o jornal, manter os homens informados, alegrar as reuniões de família, fazer companhia à mulher e acompanhar os jovens nos passeios e na praia, [...]” (2002, s/n)

Desta forma, muitas emissoras de rádio foram fundadas, inclusive a Rádio Nacional, que ficava no Rio de Janeiro e dominava o ranking de audiência. Ser artista de rádio era ter prestígio social e participar das atividades sociais de maior relevância, muitos jovens almejavam esse prestígio. Além disso, Revistas impressas foram criadas para divulgar as atividades do rádio e a vida dos artistas como a *Revista do Rádio* (1948) e a *Radiolândia* (1953), e tantas outras possuíam seções específicas para este fim, inclusive, o *Jornal das Moças* que possuía as seções: *Radioatividades*, *Sintonizando* e suas reportagens com artistas específicos, em especial artistas mulheres, falando sobre sua vida profissional e amorosa, – pois, a maioria das entrevistadas ou eram casadas ou queriam casar – proporcionando ao público em geral entretenimento e maior adoração as “estrelas” daquele momento. Desta forma, muitas mulheres queriam possuir o talento de Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, Adelaide Ghiozzo e de tantas outras que estampavam as páginas das revistas. O rádio se tornou tão popular que além das revistas específicas deste setor, diversas outras veiculavam detalhes das vidas dos artistas, dos horários dos programas e dos concursos que eram realizados para escolher o melhor artista de rádio, inclusive, existia um concurso denominado, *Rainha do Rádio*, que escolhia a melhor cantora do ano.

Desde 1930 foram instituídos os concursos de beleza. Só que eles eram esparsos, ou seja, não possuía uma regularidade. Foi somente a partir dos anos 1950 que estes concursos ganharam relevância e audiência. O *Miss Brasil*, visava escolher uma representante da beleza da mulher brasileira, para disputar o *Miss Universo*, concurso de conotação internacional sediado nos Estados Unidos, e que possuía grande prestígio. A cada ano, no Brasil era escolhida uma entre 26 mulheres, que representando a beleza de seu estado, disputavam o concurso. Foi a partir do ano de 1954 que o concurso de *Miss Brasil* se oficializou, passando a ocorrer consecutivamente, sendo eleita neste mesmo ano Martha Rocha, que foi disputar nos Estados Unidos o *Miss Universo*, no entanto, ela não ganhou e para consolar os brasileiros um jornalista do jornal *O Cruzeiro* afirmou que Martha Rocha não ganhou devido o tamanho do seu quadril com duas polegadas a mais que sua concorrente, não se sabe se este fato realmente aconteceu, todavia, rendeu uma outra história. Martha Rocha não ganhou o *Miss Universo*, mas deu nome a um carro, a picape 3100, lançada em 1956 pela Chevrolet, com sua cor verde, lembrando os olhos da Miss, duas polegadas a mais e com para-lamas mais arredondados. Devido isso, ao sair nas ruas a picape foi denominada “Marta Rocha”. Esse nome pegou, e até hoje a picape é lembrada por colecionadores e conhecedores de automóveis. Uma outra *Miss Brasil*

muito destacada foi Adalgisa Colombo que com novos truques de beleza, como utilizar a cor natural de suas pernas, realçando-as com óleo *Johnson's*, cavar um pouquinho mais o maiô e prender os cabelos valorizando seus ombros e nuca fez com que ela angariasse o título em 1958, indo disputar o *Miss Universo* ficando em segundo lugar, perdendo apenas para a colombiana Luz Marina Zuluaga. Essas e muitas outras mulheres que apareciam nos jornais e revistas influenciaram as jovens brasileiras, ao mesmo tempo em que serviam como modelo de beleza e comportamento. Como é o caso de Adalgisa Colombo, que depois do *Miss Universo* se tornou garota propaganda de cosméticos e produtos de beleza como podemos ver na imagem abaixo:



Figura 1 imagem de publicidade do Leite de Colônia, tendo como garota propaganda a Miss Brasil Adalgisa Colombo. Acervo: Biblioteca Nacional, Jornal das Moças 30/10/1958.

O Rio de Janeiro foi um dos principais palcos destes acontecimentos na década de 1950, com uma população de aproximadamente 3 milhões de pessoas. O Rio já tinha passado por grandes mudanças no início do século XX com as reformas feitas por Pereira Passos. No pós-guerra a sociedade carioca cria um novo hábito, a partir da abertura de novos túneis e avenidas, passa-se a visitar com mais frequência as praias para abrandar o calor dos trópicos. Desta forma, a Zona Sul, região em que está localizada a praia de

Copacabana, do Leme e da Vila Ipanema, viu crescer aceleradamente sua população, ocorrendo uma valorização em morar perto das praias. Foi nesta região que muitos jovens músicos e intelectuais cantaram as belezas do Rio por meio do novo gênero musical, o Bossa Nova.

Além das belezas naturais, os esportes integram o cenário da sociedade carioca, entre os primeiros a ganharem destaque ainda no século XIX, estavam: o turfe, o remo, a natação, as corridas. Com a valorização das praias, esportes como: o futebol de areia, o vôlei de praia, a peteca, o frescobol e muitos outros ganharam espaço, ampliando ainda mais as opções de entretenimento e lazer das pessoas. No entanto, é o futebol que vai ganhar prestígio social. A partir do início do século XX o futebol cada vez mais se estrutura, formando-se as primeiras agremiações, e se tornando frequente no cenário do Rio de Janeiro. Na década de 1950 o futebol muito comoveu a sociedade brasileira, em especial a carioca, visto que, em solo brasileiro o Brasil perdeu para os uruguaios de 2 a 1 na final da Copa do Mundo de 1950. Este acontecimento mexeu tanto com a sociedade que até a cor da camisa da seleção brasileira mudou. Não se sabe ao certo os motivos, todavia, muitos afirmam que a cor da camisa foi modificada devido a crença de que ela havia ocasionado azar. Desta forma, a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1954 entrou em campo com camisa amarela – em anos anteriores era branca – e calção azul, algo que não trouxe muita sorte ao Brasil, visto que, a seleção não conseguiu sequer chegar à semifinal. No entanto, em 1958 o futebol comoveu mais uma vez a sociedade brasileira, desta vez, gerando intensa alegria. O trauma de 1950 e 1954 haviam sido superados, e a cor da camisa não foi branca ou amarela, foi azul, algo que não desestabilizou os jogadores, visto que, se propagou a ideia de que o jogo seria promissor, porque, a camisa era da cor do manto de Nossa Senhora Aparecida, desta forma, pela primeira vez “a taça do mundo é [se tornou] nossa”. Pela primeira vez a seleção brasileira conquistou o título de campeã mundial.

O Rio viu Vargas chegar à presidência pelas mãos do povo e viu ele sair da vida por suas próprias mãos. Viu chegar a este cenário o mineiro JK, um presidente que causou um certo incômodo a sociedade carioca, pois ele fez se cumprir a construção da nova capital, algo que já estava decidido na constituição de 1891, mas que ninguém buscou meios para fazer. Sendo assim, muitos não acreditavam que desta vez a capital sairia do papel. E o Rio, ainda capital do Brasil, e principal centro político administrativo na década de 1950 viu passo a passo a construção de Brasília. Mesmo assim, as pessoas não acreditavam que esta mudança ocorreria de fato, no entanto, ao ver a obra se encaminhar

para o final intelectuais e músicos dividiram-se entre os a favor e os contra. Entre as principais músicas acerca da mudança para Brasília temos: a marchinha *Nova Capital* (1957) interpretada por Linda Batista, fazendo um único pedido ao presidente “leve tudo pra lá, seu presidente/mas deixe aqui o nosso carnaval”, ou seja, não leve daqui a alegria existente, a cultura carnavalesca, algo que muito agitava a sociedade carioca. Uma outra música na voz de Nelson Gonçalves é “*Vou pra Goiás*” (1957) em que é cantado um adeus para o Rio e suas belezas naturais, “Ai, meu Rio/ Meu Rio de Estácio de Sá/ Adeus Pão de Açúcar e Corcovado/ Eu também, eu também vou pra lá”. Uma outra que mais expressou a vontade dos que queriam ir para Brasília foi a marchinha *vamos pra Brasília* (1958) criada por Sebastião Gomes, Átila Bezerra e Valdir Ribeiro, cantando, “Vamos embora pra Brasília/A ideia não é má/ Nasceu de JK/Então Vamos para lá/ Vai ser um chuí”, ou seja, será bom viver lá. Já uma outra que expressou o canto de muitos funcionários públicos, os chamados “barnabés”, foi a música de Billy Blanco *Não vou pra Brasília*, cantando, “Não vou, não vou pra Brasília/Nem eu nem minha família/ Mesmo que seja/Pra ficar cheio da grana/A vida não se compara/Mesmo difícil, tão cara/Eu caio duro/Mas fico em Copacabana”, ou seja, o Rio e suas belezas naturais e o cotidiano carioca substitui qualquer melhoria financeira.

Desta forma, a favor ou contra, o Rio passou a ser cantado e exaltado por sua história, cultura e belezas naturais. E mesmo com a transferência, o Rio de Janeiro – antigo estado da Guanabara, como passou a se chamar a partir de 21 de abril de 1960 – com seus 3.307.163 habitantes (1960) era o centro urbano mais importante do país, palco de relevantes acontecimentos, notícias sociais e culturais. Assim, o Rio pouco a pouco deixava de ser a capital, mas se tornava cada vez mais a “cidade maravilhosa”, valorizada histórica e culturalmente.

3. O JORNAL DAS MOÇAS E OS IRMÃOS MENEZES

O Jornal das Moças foi fundado no Rio de Janeiro por Agostinho Menezes no ano de 1914. Agostinho era o diretor responsável e seu irmão Álvaro Menezes o diretor redator. A empresa continha o mesmo nome que o periódico e teve seu fim em 1965, ano que o último volume circulou.

“A revista de maior penetração no lar”, o Jornal das Moças, era a princípio uma revista quinzenal ilustrada, com o decorrer dos anos passou a ser um semanário ilustrado, publicado nas quintas-feiras, chegando às leitoras através das bancas e do correio por meio de assinaturas, desta forma, a revista tinha circulação nacional, chegando as capitais e principais cidades dos diversos estados brasileiros. Segundo Bassanezi: “O IBOPE revela a popularidade desta revista: 1º lugar na imprensa feminina em 1945 (SP) e 1º lugar entre as revistas femininas semanais durante a década de 50 (SP e RJ).” (1996, p. 23)

O Jornal das Moças continha de 50 a 75 páginas, o número de páginas era variado, podendo chegar até 100 páginas nas edições especiais de fim de ano. Assim, o periódico trazia diversos assuntos relacionados a temas como: moda, beleza, dicas para o lar, culinária, cuidado com os filhos, humor, fotonovelas, horóscopo, notas sobre festas sociais e beneficentes, artistas e publicidade dos diversos produtos consumidos naquela época.

A revista, como já foi dito, era vendida em bancas ou por meio de assinaturas. Até 1942 era vendida em réis. Porém, no mesmo ano a moeda nacional passou a ser o Cruzeiro. Esses valores estavam sempre presentes na capa. No ano de 1950 a revista custava 3 cruzeiros, já no ano de 1959 a revista custava 15 cruzeiros, esses valores não eram pouco se comparado com o salário mínimo da época – sendo Cr\$ 1.200,00 em 1952 e Cr\$ 6.000,00 em 1959 – um dos motivos que define seu público-alvo: a mulher de classe média, visto que, era ela que tinha poder aquisitivo e mais acesso à educação. Desta forma, o *Jornal das Moças* sempre explicava por meio de notas as mudanças no preço da revista, sempre buscando dialogar com a leitora e pedindo o seu apoio. Como podemos ler no fragmento retirado do próprio:

“Uma explicação rápida da vida de Jornal das Moças em relação com a atual situação financeira

Para leigos em assuntos econômicos de um jornal ou revista, é sempre formulada a seguinte pergunta: - como pode ser vendida pelo preço X aquela revista que tem um número de páginas

consideravelmente grande com um formato muito maior do que aquela outra, que alega não poder subsistir se continuar com o mesmo preço de capa?

[...] vamos tomar, por exemplo, uma revista como a nossa. Todo material publicado no JORNAL DAS MOÇAS é exclusivo e com direitos reservados. Como tal muito mais caro é a sua aquisição. Figurinos, bordados; tricôs e crochês; literatura, historietas, tudo enfim, é com um preço mais elevado devido a exclusividade. [...] JORNAL DAS MOÇAS sendo de feição leve, útil à mulher no lar e na sociedade a única cognominada *feita para o lar* porque não é de hoje que usa êsse slogan, não pode ser uma revista grossa, pesada e com muitas páginas de anúncios, porque prejudica a suas leitoras. Se não tem muitas páginas, necessariamente o número de anúncios é limitado. Tendo muita matéria paga, não precisa aumentar o preço de venda avulsa. Eis, aí, a explicação exata do que ocorre conosco e outras similares. Esta comunicação é para dizer que resistimos até onde podíamos. [...]. Para JORNAL DAS MOÇAS subsistir é preciso aumentar o preço da capa que passará de **4 de janeiro, em diante, para 8 cruzeiros** contando é claro, mais uma vez com o apôio daquelas leitoras que nunca o desampararam.

Prometemos apresentar um oitavo de páginas coloridas, semanalmente, bem como iremos transformando pouco e pouco tôdas as páginas, tornando JORNAL DAS MOÇAS inteiramente moderno e ao gosto das leitoras, nossas amigas (sic). (JORNAL DAS MOÇAS, 30/09/1954, p. 18)

As capas e contracapas do periódico eram sempre coloridas e como vimos no fragmento acima os editores buscavam aumentar este número e melhorar a qualidade, visando fornecer uma revista completamente colorida. As ilustrações, presentes nas primeiras edições, após a década de 1940 passaram a ser substituídos por fotos. Já o restante do conteúdo vinha em preto e branco. Na composição da capa temos o nome da revista, a data de publicação, o número e a imagem de uma bela mulher, trajando um dos vestidos que a leitora poderia aprender a fazer através dos moldes no suplemento *Jornal da Mulher* – que na década de 1950 era dirigido por Yara Silva. No pós-capa geralmente se encontrava a seção, *Galeria dos Artistas da Tela*, já na penúltima página se encontrava a *Galeria dos Artistas de Rádio*. Geralmente, nos anos iniciais da década de 1950 os artistas que mais apareciam no periódico eram os que atuavam no cinema e no rádio. Já nos anos finais os artistas da TV também passaram a fazer parte da galeria direcionada a tela, porém, o cinema e o rádio eram as grandes atrações do momento.

As colunas variavam muito, todavia, existiam seções fixas como a seção *Troças e Traços*, uma seção de humor, que possibilita a análise de muitas ideias e valores presente no imaginário da época. Através desta seção de humor e da seção *Palavras Cruzadas e Outras Coisas* é perceptível que apesar do periódico ser direcionado a mulher ele é

também uma revista direcionada ao entretenimento de toda a família. Como está dito no próprio periódico: “‘Jornal das Moças’ é a revista cem por cento familiar.” (JORNAL DAS MOÇAS, 30.04.1953, p. 28)

Para a mulher de modo geral temos as seções: *Cine em Revista*; *Drágeas Cinematográficas*; *O Conto da Semana*; *Para Ser Formosa*, contendo dicas de beleza e cuidados pessoais; fotonovelas variadas, trazendo nas páginas romance e aventura por meio de história em quadrinhos; *Radioatividades*, contendo a programação do rádio e das atividades dos artistas; *ABC da beleza*; *Um Broto por Semana*, mostrando jovens artistas que falam sobre sua vida através de entrevistas; *Horóscopo*, *Numerologia*, *Grafologia*, trazendo informações e consultas; *Tia Carlota In...forma*, contendo fofocas diversas sobre o universo dos artistas; *Rio em Foco*; *Manejando Agulhas*, trazendo figurinos e passo a passo de como fazê-lo; *Feminismo a varejo*, trazendo as conquistas femininas no mundo; Mulheres Famosas e muitas outras informações. Nas colunas fixas e assinadas temos: *Carnet das Jovens* por Dorothy Dix, contendo variadas dicas e conselhos a vários públicos, como pais, mães, filhas e esposas; *Bom Dia Senhorita* por Roberto de Moura Torres, contendo dicas a jovens solteiras que almejam o casamento; *Boa noite minha desconhecida* por João do Outeiro; *Primeiros Socorros e Prevenção de Acidentes* por Irene de Miranda Cotegipe Milanez e Aracy D. Ferreira, enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira, sendo ensinado técnicas de primeiros socorros; *Bazar Feminino* por Glycia Galvão. E o suplemento *Jornal da Mulher* por Yara Silva com figurinos, dicas de moda, moldes para roupas infantis e bordados.

Já para a mulher casada, especificamente, temos as seções: *Pausa para Meditação*, trazendo histórias de vida, com relatos de mulheres casadas que abandonam o lar e padecem o castigo de tal escolha, devendo voltar para casa e pedir o perdão do marido. Logo após o relato vem os *Conselhos de Gramurí* apontando como se deve comportar a autora do relato; *Vamos Preparar Uns Quitutes*, com receitas e dicas de culinária e arrumação da mesa de jantar; *Para seu Lar*, contendo dicas de como arrumar e cuidar da casa. E algumas colunas *Como Cuidar da Roupas do Seu Esposo*; *Para Donas de Casa*. No caso da mulher mãe temos a seção *Evangelho das Mães* e a Coluna *Falando as Mães* pelo Dr. Werther Leite Ribeiro, ensinando como cuidar, acompanhar o desenvolvimento da criança e tratar de doenças que geralmente aparecem na infância.

O *Jornal das Moças* vinha repleto de publicidade, sendo geralmente voltada, a cosméticos, produtos de higiene íntima, remédios, eletrodomésticos, roupas íntimas, instrumentos musicais, móveis, joias e muito mais. A diagramação era variada, sendo as

seções divididas em colunas duplas, triplas ou de forma desigual, contendo partes com maior destaque em relação a outras na mesma página. Assim, as seções e artigos dos colunistas dividiam espaço com variadas propagandas. Os contos, histórias de vida e artigos eram interrompidos, informando as páginas da conclusão, que muitas das vezes vinham a ocorrer no final da revista. Isso, sem falar de casos que a conclusão de artigos mais elaborados vinha em edições seguintes.

O Periódico tinha a frente editores homens, Agostinho e Álvaro Menezes, da mesma forma, é perceptível que a maioria dos colaboradores também eram homens como Dr. Werther Leite Ribeiro, Oscar Aguiar, Coronel Waldir de Albuquerque, Floriano Faissal, Luiz Goulart, Délio Moreira Marcondes, Antonio Lima, Roberto Moura Torres, Felisberto Nóro, Mário Moraes, Edésio Esteves, Eutorgio Wanderley, Otávio Almeida, Hélio P. de Almeida, Mario Mascarenhas, Júlio Moret e muitos outros. Já as mulheres, colaboradoras eram: Yara Silva, Glycia Galvão, Lourdes Portella, Suzy Kirby, Dorothy Dix, Dauny Fritsch, Carmelita Pêredo, Léa Silva e Dulce Brito. Os colaboradores variavam. No entanto, a rotatividade entre os homens era maior que entre as mulheres. Assim, o Jornal das Moças era guiado, principalmente, pela concepção de homens que ditavam como deveria ser a mulher-padrão.

4. A MULHER EM UM MUNDO DE REPRESENTAÇÃO

Neste capítulo vamos analisar como eram representadas as mulheres no *Jornal das Moças* a partir de um modelo ou padrão de mulher ideal. Este modelo ideal está circunscrito a qualidades e características marcantes que ultrapassaram séculos. Como bem denominou Buitoni:

“O eterno feminino. Um chavão que tenta imobilizar, no tempo, as virtudes “clássicas” da mulher. Um chavão que corresponde ao senso comum de procurar qualidades abstratas: maternidade, beleza, suavidade, doçura e outras, num ser que é histórico.” (2009, p.24)

De certa forma, essas “virtudes clássicas” ainda são cobradas a diversas mulheres. E na década de 1950 não foi diferente, é perceptível nos meios de comunicação, principalmente na Imprensa Feminina, aqui em especial, no *Jornal das Moças*. Um perfil de feminilidade é traçado, por meio de seções e artigos, sendo veiculada pela Imprensa Feminina uma representação que influenciou muitas mulheres. Segundo Bassanezi:

“Essas revistas promoviam os valores sociais dominantes entre os quais estão as desigualdades de gênero presentes nas relações homem-mulher e nos significados de masculino e feminino ligados aos padrões tradicionais (que sustentam a “dupla moral sexual”, a submissão feminina, os papéis e atribuições rígidas para homens e mulheres – aos primeiros, o mundo do trabalho e da política, a elas, as tarefas domésticas e a dedicação prioritária ao marido e aos filhos etc.).” (1996, p. 20)

A “feminilidade” traçada no *Jornal das Moças* está ligada a valores tradicionais, baseados nos papéis sociais de esposa, mãe e dona de casa. Esses papéis sociais são considerados na década de 1950, o caminho a ser seguido e objetivo de todas as mulheres. As que assim não agiam ficavam mal faladas e eram consideradas levianas. “Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem contestação.” (BASSANEZI, 2004, p.609)

Desta forma, no *Jornal das Moças* a mulher ideal está representada com comportamentos bem definidos, que vão desde a forma como as mães devem ensinar as filhas a possuir “feminilidade”, até a forma de se comportar socialmente. Assim, o padrão de mulher ideal está associado ao conceito de feminilidade. Mas qual o conceito de feminilidade presente no *Jornal das Moças*? Visando responder este questionamento,

vamos dividir o presente capítulo em temas, buscando perceber a noção de feminilidade presente no: vestuário, comportamento, estética, vida doméstica, vida social e sexualidade que apesar de não ser tratado no periódico são feitas muitas alusões implícitas a este tema.

O tema sexo é considerado um tabu nos “anos dourados”. Uma mulher quando solteira deveria manter a “inocência sexual”, e quando casada deveria ser discreta, pois o sexo só servia para torná-la mãe, não sendo nunca relacionado ao prazer e sim a princípios morais. Como podemos ler no fragmento retirado do próprio periódico: “Uma mulher sem filhos não pode ser feliz: amar não é nada, é necessário que o amor seja bendito,” (JORNAL DAS MOÇAS, 19/01/1950, p.54.) Ou seja, ter filhos deveria ser o objetivo das mulheres casadas. A maternidade é considerada uma missão sublime que nenhuma mulher devia se esquivar. Sendo assim, o sexo tinha um papel muito voltado para a procriação e não para o prazer feminino. Para as jovens não era permitido ter contato com o tema, estavam sempre sob o cuidado dos pais para que mantivessem a “inocência sexual”. Como podemos ler na coluna *Bom dia Senhorita* retirada do Jornal das Moças:

“Os pais vigiam as suas filhas, especialmente quando são menores, para que não cheguem aos seus ouvidos as confidências de companheiras maiores ou de outra educação moral. Essa vigilância tem toda justificção, porque o espírito das meninas é algo tão sensível e impressionável que se empana (sic) com o menor sôpro (sic). A natureza humana, todo êsse emaranhado de sentimentos, vibra como uma corda estendida ao vento quando menciona amor. Esta é a sua base, sua essência, e nada influe tanto sôbre a alma como o alento de outra alma, de muitas almas, das almas infinitas do mundo... (sic)” (JORNAL DAS MOÇAS, 29/12/1955, p. 52)

Como podemos ler no fragmento acima, o termo sexo não aparece, no entanto, toda essa vigilância para que as jovens não tomem conhecimento das experiências vividas por outras jovens, nos indica que a “inocência sexual” é algo que devia ser preservado e que os princípios morais ensinados desde tenra idade deviam ser resguardados. Por “inocência sexual entendemos” ser uma forma de manter o poder do homem sob a mulher, numa relação assimétrica em que ao homem é permitido prazeres e contato com a sexualidade, sendo estimulado inclusive, a ter relações sexuais desde muito cedo. Para a mulher este contato com a sexualidade é proibido. Não conhecer o próprio corpo é uma forma de não exprimir os desejos sexuais e sempre estar envolta a preconceitos e falta de conhecimento. É claro que nem todas as jovens seguiam estas normas e acabavam burlando as regras sociais. No entanto, se tornavam mal faladas, sendo criado socialmente dois grupos, o das

jovens para casar e o das jovens para ficar, inclusive era com essas que os rapazes tinham suas primeiras experiências sexuais. Essa distinção entre as moças era perceptível até no vestuário, pois a boa moça deveria se vestir de um jeito mais recatado, nunca se utilizando da sensualidade.

No vestuário, o *Jornal das Moças* divulgava como ideal de mulher, até o final da década de 1950, aquela que sabia valorizar a cintura e o colo. Ao folhear a revista, em especial no suplemento *Jornal da Mulher*, são valorizados vestidos pouco abaixo do joelho e que marcam bem a cintura por meio de cintos ou laços e dão destaque para o colo, muitas vezes adornado por um colar de pérolas. Nas mãos luvas e nos pés sapatos de salto, principalmente, scarpins em cetim. Bem assim, deveriam ser as blusas e saias sempre destacando a cintura. Calças, raramente eram usadas, pois não era considerada uma peça “feminina” na década de 1950, passando a ser vista com mais frequência nos anos finais dessa década. Mas, mesmo assim, para cada 10 modelos de vestidos temos um modelo de calça. A partir de 1958 foi lançado o vestido trapézio, um vestido sem cintura que marca somente os ombros, sem valorizar as curvas das mulheres, no entanto, muito usado, visto que, na época quem ditava o que usar eram os estilistas de Nova York e Paris. Desta forma, vestidos trapézio e vestidos que marcavam a cintura passaram a ter presença constante no suplemento *Jornal da Mulher*. Como podemos ver nas imagens abaixo:



Figura 2 imagem de duas mulheres trajando vestidos que marcam a cintura. Acervo: Biblioteca Nacional, *Jornal das Moças*, 20/10/1952.



Figura 3 imagem de uma mulher trajando vestido trapézio. Acervo: Biblioteca Nacional, Jornal das Moças, 26/06/1958.

Nos trajes de banho, a mulher ideal representada no *Jornal das Moças* usava maiôs, nunca biquínis. O biquíni foi criado no ano de 1946. O primeiro protótipo saiu das mãos do estilista Jacques Heim. No entanto, foi das mãos de Luis Réard – um outro francês e engenheiro de automóveis – que saiu o primeiro “bikíni”, quando ele trabalhava na loja de lingerie de sua mãe. Réard ficou conhecido como criador da peça. O nome “bikíni” foi dado pelo próprio criador em alusão a ilha de Atol Bikini localizada no Pacífico, visto que, lá eram realizados testes com bombas atômicas e por achar que sua criação também seria um estouro assim a nomeou. E realmente o foi. Ao ser lançado o biquíni causou muita polêmica, sendo proibido seu uso em algumas praias da Europa e até mesmo na França. A princípio Luis Réard se deparou com um problema, encontrar quem aceitaria desfilar com o biquíni, pois muitas das mulheres convidadas renegaram e ficaram escandalizadas com aquele traje de banho. Todavia, depois de muitos convites negados a bailarina Micheline Bernadinni aceitou o convite, sendo o biquíni usado pela primeira vez em 5 de julho de 1946 em uma piscina pública de Paris. Ao ser lançado, o biquíni escandalizou a muitos, pois, mostrar o umbigo era algo inaceitável e considerado indecente. No entanto, pouco a pouco a peça foi ganhando popularidade, sendo estreado no cinema em 1956 pela francesa Brigitte Bardot, influenciando muitas mulheres. No Brasil o biquíni foi visto pela primeira vez no ano de 1948, sendo usado por uma alemã. Todavia, o traje começou a ganhar o corpo das brasileiras mesmo, nos anos finais da década de 1950. E como na Europa, seu uso também já foi proibido no Brasil, no ano de 1961, pelo presidente Jânio Quadros que considerou a peça um ataque aos valores morais e a família brasileira.

No início da década de 1950, o *Jornal das Moças* realizou uma campanha contra o biquíni, se utilizando da imagem de artistas de Hollywood como: Lucille Ball, Joan Crawford, Mary Murphy, Joan Fulton, Virginia Hall e Marion Marshal. Vejamos parte do discurso da campanha retirada do próprio periódico:

“Não se trata, por certo, de uma revolução, em Hollywood, contra o uso generalizado, e já difundido em quase tôdas (sic) as grandes cidades do mundo, do maiô que se tornou conhecido como ‘bikini’.

Entretanto, algumas ‘estrelas’ resolveram que não mais se exibiriam como êsse (sic) traje, que pouco falta para se assemelhar à primeira veste conhecida, isto é, à celebre folha (sic) de parreira em que se escondeu Eva.

Acham algumas das belezas de Hollywood que o ‘bikini’, em vez de aumentar-lhes a sutileza, a graça, desvenda o recôndito encanto feminino que sempre foi a atração da mulher. Pensam, as que assim agem, que o corpo desnudo é mais próprio para as estátuas, que podem ser admiradas com a frieza natural da crítica. Estarão certas essas ‘êstrelas’? Parece que sim, pois não há dúvida que a mulher é mais mulher quando vestida. Êsse (sic), talvez, seja o motivo em que, através dos séculos, reside o domínio absoluto da mulher sobre o homem.” (JORNAL DAS MOÇAS, 8/01/1953, p.7)

Como podemos ler no fragmento acima, o biquíni era uma peça considerada vulgar e não adequada para as mulheres. O biquíni, mesmo considerado inadequado não foi desprezado pelo *Jornal das Moças*, que escrevia para mulheres que cada vez mais aderiam a peça, inspiradas em outras artistas de cinema. Sendo assim, era preciso dialogar com o contexto da moda vigente, portanto, nos anos finais da década de 1950 mulheres com maiô duas peças – um tipo de biquíni maior – passaram a compor a revista. Mas, essas peças deixavam exposto somente uma pequena parte do abdômen, raras vezes o umbigo ficava amostra. Como podemos ver na imagem abaixo:



Figura 4 Imagem de uma seção do Jornal da Moças com uma mulher usando diferentes modelos de maiô duas peças. Acervo: Biblioteca Nacional, Jornal das Moças 14/03/1957.

A partir da leitura do fragmento da campanha contra o biquíni e da imagem acima, percebemos que ser “feminina” para o *Jornal das Moças* é a mulher ser recatada, discreta, que mostra pouco ou quase nada do seu corpo. Ao exibir mulheres que aderiam ao biquíni o *Jornal das Moças* colocava essas “ousadias” como algo “normal” as estrelas de cinema, mas nunca a mulher da vida real, que não pertencia a este ambiente. Flertar e exibir o corpo era algo inaceitável e não deveria ser feito nem por quem estava à procura de um marido, pois não era bem-visto socialmente. Uma preocupação constante no periódico era a caça ao marido, objetivo final e único de realização feminina. Para auxiliar a leitora na conquista são apresentadas dicas que ensina a mulher a lidar com o pretendente. Como podemos ler no trecho a seguir:

“A arte de conquistar os homens

Se você, querida leitora, ama um rapaz e ele depois de ficar um pouco ao seu lado, dirige-lhe um olhar distraído e se afasta como se fôsse um desconhecido, não se aflija. Para tudo há um remédio e os problemas amorosos devem ser resolvidos com muita cautela e... astúcia...

Antes de tudo lembre-se de uma coisa: os homens são considerados melhores que as mulheres, claro que não o são... mas não nos custa deixá-los na ilusão e incensar a sua vaidade, não é mesmo? [...] os homens são bastante simples e podem ser separados em cinco grupos. Se o seu não figura num destes grupos, você pode considerá-lo um ser excepcional.” (JORNAL DAS MOÇAS, 14/03/1957, p.4)

De acordo com o trecho acima, os homens poderiam ser divididos em cinco grupos: “o alegre e boêmio”, “o homem tímido”, “os orgulhosos” e “os intelectuais”. No entanto, apesar da variedade de classificação, percebemos que a solução dada pelo periódico reforça um único tipo ideal para a mulher. Já adentrando, no tema comportamento: uma mulher deveria ser submissa e resignar-se sempre como podemos perceber nas frases a seguir referentes nos diferentes grupos de homens: “Escute-lhe todas as piadas mesmo que sejam suas velhas conhecidas...”, “ É preciso que tenha muito tato e deixe-o à vontade. ”, “Admire-o de vez em quando para estimular a sua vaidade”, “Ele mesmo se encarregará de dirigir a conversa [...] Seja muito feminina e não queira rivalizar com ele em nada”. Ao lermos estes enunciados é perceptível que a mulher ideal deveria sempre esperar a iniciativa do homem, ser submissa e disposta a atender todas as expectativas masculinas. O *Jornal das Moças* trazia o reflexo de uma sociedade machista que não permitia que a mulher se utilizasse de sua inteligência de igual para igual com os homens. Para a sociedade dos “anos dourados” a mulher ser inteligente era uma afronta ao poder masculino e uma quebra na hierarquia existente na relação homem-mulher.

Em sua conduta, a mulher deveria sempre buscar ser agradável, paciente e companheira. As casadas nunca deviam ir de encontro a opinião do marido, somente se expressar se fosse para apoiá-lo. E se o marido tivesse relação extraconjugal, a culpa era dela que não estava sabendo conquistá-lo e mantê-lo no lar por meio de seus encantos e cuidados. Como podemos ver na coluna *Bom dia senhorita*, assinada por Roberto de Moura Torres:

“No terreno do amor conjugal, a mulher deve sempre suportar com paciência, que dá o amor verdadeiro, deixando que ele encontre no lar tudo que deseje, dando-lhe, então motivo para que sózinho (sic), veja os êrros (sic) cometidos fora de casa. Cabe à mulher manter o homem a vontade de voltar para junto dos seus, no lugar reservado para ele (sic), onde encontrará a felicidade esperando-o de braços abertos.” (JORNAL DAS MOÇAS, 18/03/1954, p.16)

Ou seja, a mulher ideal devia a qualquer custo manter o casamento e sempre procurar meios para manter a harmonia do lar, buscando ser doce, resignada e companheira. Não devendo nunca pedir ajuda do esposo nos afazeres domésticos, pois, o lar era o ambiente para seu descanso e a esposa devia tornar esse ambiente agradável e receptivo ao marido para que ele gostasse de estar em casa. E para auxiliar as esposas em seus comportamentos e cuidados com o marido, testes eram publicados no *Jornal das*

Moças para que a leitora percebesse que tipo de esposa ela era, sendo, ao mesmo tempo explanado um modelo ideal a ser seguido. Como podemos perceber no fragmento retirado do periódico em 1950:

“Que tipo de esposa é você?

[...] responda sim ou não a todas as perguntas, para determinar a espécie de espôsa que é você.

Se pode dar seis ou mais respostas afirmativas em um grupo, classifique-se nêsse grupo. Escreva o número dos grupos nos quais se classifica e procure a definição para essa combinação de grupos. Ainda que não chegue a seis respostas afirmativas em qualquer dos grupos, também pode encontrar uma definição para você.

Grupo 1

- 1-É importante para você ter as coisas prontas?
- 2-Tem inclinação a preocupar-se e sentir-se ansiosa?
- 3-Olha cuidadosamente para frente antes de dar um passo?
- 4-É você clara nas palavras e na conduta?
- 5-Aprecia muito uma sensação de segurança na vida?
- 6-É naturalmente cuidadora e econômica?
- 7-Torna-se difícil para você encontrar desculpas para as pessoas descuidadas e imprevidentes?
- 8-É capaz de economizar sistematicamente com o fim de adquirir uma casa ou outra coisa tão útil quanto esta?
- 9-Tem medo de viver mudanças?

Grupo 2

- 1- Tem aptidão para explicar e ensinar?
- 2- Procura dar mais do que recebe em amor e amizade?
- 3- Pode compreender as pessoas em geral e simpatizar com as mesmas?
- 4- Desgostam-lhe a rotina e os detalhes?
- 5- Parece que desapareceram suas preocupações quando está em companhia de pessoas amigas?
- 6- Inclina-se a sacrificar-se e a negar-se a si mesma em favor dos seres queridos?
- 7- Ama realmente às crianças e aos anciãos?
- 8- Pensa que muitas outras pessoas querem ser boas e seguir uma vida correta?
- 9- O amor é o maior sentimento da vida para você?

Grupo 3

- 1- É rápida em suas decisões?
- 2- Toma providências para que ninguém lhe leve vantagens?
- 3- É você com frequência quem analisa uma possível mudança?
- 4- Sente urgência por construir e criar?
- 5- Emociona-se facilmente no cinema, no teatro, nas reuniões sociais, etc.?
- 6- Gosta de governar outras pessoas e ter primazia em decidir?
- 7- É positivamente alegre ou melancólica sua disposição de ânimo?

- 8- Têm sido com você mesma uma das suas maiores lutas?
9- Você se reconhece como capaz e eficiente?” (JORNAL DAS MOÇAS, 19/01/1950, p. 6-7)

De acordo com o trecho acima, as mulheres poderiam ser classificadas em grupos e buscar perceber se era uma esposa mais cautelosa, amável ou mais independente. Todavia, se atentarmos nossa leitura, perceberemos que nos três grupos as qualidades eram sempre voltadas para a docilidade, a renúncia e a construção de algo maior, como o lar. As qualidades da mulher ideal se resumiam na submissão ao homem, o “chefe da casa” e detentor de poder na relação. A mulher, a casa e os filhos giravam entorno deste provedor concebido e aceito socialmente.

Como já foi dito, o casamento era um dos temas preferidos do periódico. Este tema estava presente em diversas seções como algo muito valorizado na década de 1950. Pela proposta do *Jornal das Moças*, o casamento deveria ser objetivo de todas as mulheres. Assim, havia edições especiais para as noivas, sendo veiculado além de vestidos, dicas para o grande dia e a organização do lar. Não querer casar, era como se a jovem estivesse fugindo de um destino inexorável. Desta forma, muitas celebridades serviram de incentivo para valorização do casamento entre as jovens dos “anos dourados”, inclusive, a Miss Brasil de 1954, Martha Rocha², que na *Galeria dos Artistas de Rádio* deu seu posicionamento acerca do casamento. Como podemos ler logo abaixo:

“Com Marta Rocha, não! Em várias declarações, pronunciou a linda baianinha a favor do casamento, ao reconhecimento dos direitos da espôsa (sic) e achando que a mulher casada deve se afastar de todo o trabalho que não se relacione com os que habitualmente prendem a mulher ao lar.

Marta deseja casar-se e constituir família, concluindo, ainda, que ao ter que escolher entre a sua beleza plástica e o lar – caso a mulher casada tivesse que se transformar de linda em feia – ainda assim optaria pelo lar.” (Jornal das Moças, 09/12/1954, p. 61)

O casamento era tão valorizado que ser desquitada³ era algo malvisto socialmente, a mulher que estivesse nesta condição também se “desquitava” da sociedade, por meio

² Martha Rocha casou-se duas vezes. A primeira com o empresário Álvaro Piano, que a deixou viúva aos 23 anos de idade. E a segunda com Ronaldo Xavier de Lima com quem conviveu 13 anos de sua vida. Ela teve outros relacionamentos, no entanto, não foi nada sério como os dois casamentos.

³ O desquite é uma forma de separação de bens e de corpos sem o rompimento do contrato matrimonial. Ele foi instituído no ano de 1916, sendo substituído pela lei nº 6.515/1977, lei de separação judicial ou do divórcio, diferente do desquite o divórcio dissolve o contrato matrimonial, podendo o divorciado (a) casar-se novamente.

do isolamento social. Assim como, as jovens que faziam sexo antes do casamento, podendo nunca mais casar. Se casar deveria ser o primeiro objetivo das mulheres. Segundo o *Jornal das Moças*, o ápice da realização feminina era a maternidade. Um tema muito abordado no periódico. Como já foi dito no capítulo anterior havia duas seções específicas voltadas para as mães. A mãe ideal segundo o *Jornal das Moças* devia saber cuidar das crianças em seus múltiplos aspectos: físico, mental e social. As mães eram encarregadas de ensinar os princípios morais, a higiene pessoal e os comportamentos sociais. Quando se tratava de ensinar as filhas seu papel era ainda mais enfatizado, ficando a encargo da mãe ensinar a filha a ser uma boa esposa, mãe e dona de casa. Esses princípios, deveriam ser ensinados desde tenra idade, sendo os brinquedos voltados a estimular a menina para tal destino. Como podemos ler no trecho retirado do periódico:

“Entre os artifícios que o homem põe aos olhos da criança, os brinquedos, [...], constituem ensinamentos, que, conhecidos depois, muito alegram aos que com eles lidam pela admiração que os mesmos causam.

Uma boneca, por exemplo, muito interesse pode despertar em uma menina, que, certamente, há de querer saber como são feitas, como são confeccionados os vestidos que a ornamentam e como podem algumas fechar e abrir os olhos, dizer “papai” e “mamãe” e até andar.

E depois vem o desejo de cuidar dela como sua mãe cuida de si, fazendo-lhes as roupas, penteando-lhes o cabelo, dando-lhe comida, pratos e xícaras, colheres e outras louças. E o papel da mãe é aproveitar o momento para estimular em sua filha o amor maternal, tão precioso, mas tão afastado atualmente da sociedade em voga.

E para que a vida das crianças não se torne para elas, um só minuto, uma árdua estrada, os pais não deverão permitir que elementos estranhos e perniciosos façam com que se toldem os horizontes azuis da vida infantil.” (JORNAL DAS MOÇAS, 30/12/1954, p. 45)

Como lemos acima, era papel da mãe ensinar a filha a “sublime missão” da maternidade, estimulando desde criança a esse objetivo. E os brinquedos tinham um papel importante neste processo. As meninas eram dados brinquedos mais voltados para o ambiente doméstico como bonecas, louças, roupas e pequenos móveis. Para os meninos brinquedos mais voltados para o ambiente público como carros, bolas e ferramentas. Ou seja, por meio dos brinquedos eram estimulados valores como delicadeza, ternura e amor maternal nas meninas. E força, iniciativa e inteligência nos meninos. Sendo assim, “Ao educar as crianças a sociedade vai moldando e construindo o que afirma ser um simples

destino. E *Jornal das Moças*, [...], participa desse processo, a seu modo, reproduzindo uma mentalidade presente em sua época.” (BASSANEZI, 1996, p. 56-57) Desta forma, as meninas eram preparadas para o casamento, objetivando ser mães. Sendo perceptível que o *Jornal das Moças* apoiava valores tradicionais, sempre.

O ideal de estética feminina presente no *Jornal das Moças*, geralmente estava voltado a mulheres de pele clara. Segundo Buitoni: “A Imprensa Feminina não mostra a negra, a índia, a japonesa; não mostra a pobre nem a velha – apresenta como ideal a mulher branca, classe média [...] e jovem.” (1986, p. 78) Desta forma, no *Jornal das Moças* as modelos que posavam com os vestidos eram sempre brancas, sendo raras as vezes que artistas de pele morena participavam de entrevistas, como a cantora de rádio, Ângela Maria. Foi veiculado uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em específico na Flórida, sobre a cor de pele que os homens mais admiravam nas mulheres, indagando se os homens preferiam loiras queimadas pelo sol ou morenas de “pele cor de jambo”. O centro da pesquisa como podemos perceber são as loiras e morenas de pele clara, não sendo incluída outras tonalidades de pele na pesquisa. Como podemos ver na imagem e ler no fragmento da pesquisa “*nem todos os homens preferem as mulheres queimadas do sol*.”



Figura 5 Imagem das páginas da pesquisa retirada do *Jornal das Moças*, com a foto de duas mulheres deitadas na praia. Acervo: Biblioteca Nacional, *Jornal das Moças*, 09/05/1957.

“Ao todo, participaram desse plebiscito cerca de 35.000 indivíduos, o que tornou possível um resultado que reflete as preferências dos representantes do sexo masculino pelas suas “caras metades”. [...] 45% - quase metade, portanto – responderam com toda firmeza que não desejavam, absolutamente, ter esposa amorenada em consequência dos raios solares. [...]. Outros 40% que responderam à pergunta manifestaram opiniões quase que diametralmente opostas. Para eles, as mulheres preferidas são as morenas queimadas de sol, ou mesmo as loiras, contanto que seguissem a orientação dos naturalistas. [...]. Os restantes 15% dos que participaram do plebiscito, optaram por um meio termo, uma fórmula de conciliação. [...]. O resultado do plebiscito surpreendeu à maioria dos especialistas em matéria de beleza feminina. Querem, por isso, verificar se os gostos variam conforme a latitude. Daí cogitarem organizar um novo plebiscito, [...]. No caso de os “homens do Oceano Pacífico” corroborarem as opiniões dos “homens do Atlântico”, a questão deverá ser definitivamente solucionada. E a recomendação será taxativa: menos banhos solares e mais cremes para a proteção da pele, evitando-se que ela fique excessivamente queimada. Outros estudiosos, no entanto, lembram que as preferências variam de país para país, região para região, conforme os costumes dos povos. [...]. (JORNAL DAS MOÇAS, 09/05/1957, p. 28-29)

Segundo a pesquisa acima, os homens estão bem divididos quanto a tonalidade de pele das mulheres. As não queimadas pelo sol foram consideradas mais atraentes. No entanto, uns pesquisadores acham necessário uma nova pesquisa para poder dar uma resposta final as mulheres, enquanto outros acreditam que o ideal de beleza muda segundo os costumes. Todavia, a imagem mais veiculada no periódico são as de mulheres brancas e magras, podendo ser afirmado que a veiculação da pesquisa realizada nos Estados Unidos não foi gratuita, pois em uma sociedade como a do Brasil, em específico, do Rio de Janeiro, em que a população é majoritariamente mestiça, revela-nos que no seio desta sociedade existia um racismo velado, criando um ideal de beleza inalcançável a maioria das mulheres que liam o periódico. A veiculação de pesquisas com esse teor e de imagens de mulheres, em sua maioria brancas, denotam que a Imprensa Feminina foi instrumento de opressão por longos anos, ditando a mulher um rígido padrão a ser seguido, fazendo com que diversas mulheres fossem em busca de variados meios e produtos para alcançar um ideal de beleza concebido por uma sociedade racista.

A mulher ideal representada no *Jornal das Moças* deveria cuidar do corpo, sendo notório que seções específicas voltadas a estética eram sempre presentes. Essa mulher deveria ter os cabelos bem cuidados, sendo visto geralmente, mulheres de cabelos acima dos ombros e levemente ondulados. Cuidavam da pele evitando as sardas e manchas, se

utilizando de pouca maquiagem, pois o ideal de beleza era uma pele natural, sem muito pó ou retoques, denotando jovialidade. Um outro aspecto estético muito valorizado pelo periódico, é a questão do peso, devendo as mulheres fazerem ginástica e dietas, pois em suas páginas encontram-se dicas de exercícios físicos e dietas. A gordura era considerada uma vilã e a mulher ideal devia buscar sempre combatê-la e manter um corpo esbelto e esguio, como podemos ler no trecho retirado da seção *Saiba equilibrar o seu peso*: “A questão do peso é importantíssima para toda mulher elegante. Tem você o peso que corresponde ao seu talhe? É indispensável para a saúde e para sua beleza alcançar um perfeito equilíbrio de peso.” (JORNAL DAS MOÇAS, 15/03/1951, p.13) E também podemos ver algo parecido na imagem logo abaixo retirada da seção *Pra ser formosa...*:

para ser FORMOSA...

A Gordura deve ser Combatida

**É UM ERRO JULGÁ-LA UM MAL HEREDITÁRIO
— OS EFEITOS DA GORDURA — QUAIS OS
MEIOS DE COMBATÊ-LA**

O combate à gordura torna-se importante, não só devido às exigências estéticas, mas, também, do ponto de vista da saúde. Muitas das pessoas gordas, as quais resolvem pedir a ajuda médica nesta difícil luta, afirmam sempre que procuram comer pouco, que, na realidade, quase nem comem e que, no entanto, continuam engordando. O fato, porém, é de que nem o ar, nem a água, fazem as pessoas engordar. A gordura excessiva distribuída pelo corpo — nos quadris, na barriga, ou onde quer seja — é formada pelas células repletas de conteúdo gorduroso, o qual se origina das substâncias que comemos e digerimos.

Muitas vezes, pode-se observar que os pais de crianças gordas são, também, bastante corpulentos. Daí, surgiu para muitos a conclusão de que gordura é algo de hereditário. Isto, porém, está longe da verdade. Na maioria dos casos, as crianças simplesmente imitaram os costumes e hábitos dos seus pais, isto é, aprenderam a movimentar-se pouco, a fazer poucos exercícios e trabalhos cansativos e a alimentar-se excessiva e erradamente.

Existem determinados meios farmacêuticos, os quais, eliminando processos metabólicos, podem, realmente, diminuir o peso do corpo. Seu efeito pode até ser muito semelhante às consequências provenientes após uma doença qualquer, quando o paciente começa a emagrecer rapidamente. Estes meios, no entanto, são muitas vezes,

Figura 6 imagem de parte da seção Para ser formosa que traz como tema o combate a gordura. Acervo: Biblioteca Nacional, Jornal das Moças 14/08/1952.

Mas, para que essa busca demasiada por beleza? É simples, a beleza feminina girava em torno da concepção dos homens. A mulher deveria estar sempre bonita para o seu marido e ter a sua atenção. Todas as seções e colunas que tratam deste tema no periódico, afirmando ser a saúde o ponto principal, tem um único objetivo, moldar a mulher aos anseios masculinos, se tornando a beleza um meio de conquista para que o marido não fosse em busca de outras mulheres, e se caso isso viesse a ocorrer, a culpa era da esposa. Levar a culpa, era mais uma função feminina na relação homem-mulher. No meio desta sociedade machista, o homem saía ileso de todos os erros e culpas cometidos na relação.

A vida doméstica da mulher representada no *Jornal das Moças* ficava circunscrita as atividades do lar e ao cuidado das crianças e do marido. Ela deveria saber cozinhar, saber arrumar a mesa e decorar a casa, costurar e bordar, cuidar das roupas do esposo, saber organizar as economias domésticas, sendo uma boa economista. E, sempre ao final da tarde deveria se arrumar, arrumar as crianças e esperar o marido com um sorriso nos lábios e escutar sobre o que ocorreu no seu longo dia de trabalho. Era aconselhável a mulher não trabalhar fora de casa, todavia, era algo que passava a ocorrer com mais frequência, então, o periódico por meio de suas colunas e seções indicava que mesmo trabalhando fora, esta mulher não deveria perder a “feminilidade”, sempre buscando ser paciente, companheira, agradável, e nunca impor seus pensamentos ao marido. No entanto, as mensagens veiculadas no *Jornal das Moças* apesar de buscar compreender a decisão da mulher que trabalhava fora trazia aspectos negativos acerca do assunto. Como podemos perceber no trecho retirado do próprio:

“Devemos olhar com simpatia a mulher que se incorporou a tôdas atividades. Não devemos menosprezar sua tenacidade e seu desejo veemente de prosperar, de assegurar seu futuro independente do matrimônio, que era considerado como carreira exclusiva do sexo feminino.

Renunciar a agradar, renunciar aos deleites puros, emanados do carinho, e abraçar unicamente as vantagens materiais, implica em dar sentido vão e estéril à existência, convertendo-a em coisa secundária, aceitando-a como aceitamos o sol, a lua e o oxigênio. A mulher não comete dano ao incorporar-se às atividades múltiplas que solicitam sua atenção, se souber manter-se com tôda sua delicadeza e ternura, evitando manchá-las, cuidando sempre para que sua integridade feminina não sofra.

A humanidade ganhou com a incorporação da mulher à reserva de suas energias, dando-lhe chance que o matrimônio não é mero contrato para a subsistência.

Se não houvesse acontecido essa transformação, o que seria das solteironas, obrigadas a serem uma carga pesada para sua família, sofrendo humilhações.

Graças a emancipação, o futuro não atemoriza e são donas de seu destino porque sabem que, lutando, poderão ser independentes.

Porém, essa emancipação obrigou o homem a tratá-las como igual concorrente na luta pela vida, e isso faz com que elas percam a feminilidade (sic).” (JORNAL DAS MOÇAS, 15/07/1954, p. 46)

Como podemos ler no fragmento acima, o trabalho feminino fora de casa não era bem aceito. A mulher que trabalhava fora era como estivesse renegando uma “missão”, optando por algo frívolo e sem sentido. Era papel do homem ser o provedor da casa, desta

forma, era ele o dono do dinheiro, ou seja, aquele que exercia o poder na relação homem-mulher. Segundo Bassanezi: “os discursos que procuram sustentar a dominação masculina nas relações de gênero encaram o trabalho feminino fora do âmbito doméstico como uma ameaça a sua estabilidade.” (1996, p.208). Assim, o *Jornal das Moças* veiculava esses discursos, que defendiam a existência de uma relação assimétrica entre o homem e a mulher, delimitando ao homem o papel de “chefe da casa” e a mulher o papel de “rainha do lar”. Trabalhar fora, como foi lido, era aconselhável somente as “solteironas”. Sendo notório que para o periódico, o trabalho fora de casa não era atributo de uma mulher feminina e ideal. A mulher que assim agia se negava as atividades “sublimes” de esposa.

A vida social da mulher representada no periódico geralmente era voltada a festas beneficentes, formaturas, bailes e aos eventos que acompanhava o seu marido, sempre sendo muito contida em palavras e gestos. Seus valores eram voltados a manutenção da “feminilidade” e do casamento. A jovem deveria conservar sua “inocência”, ser uma moça que freasse seus impulsos sexuais. O *Jornal das Moças* veiculava que era com estas que os homens casavam. As que cediam as provocações, geralmente eram abandonadas, sendo o periódico cheio de relatos com esse teor. Jovens que não sabiam o que fazer com suas vidas, porque, ao ceder foram abandonadas por seus namorados. Como podemos perceber na leitura do trecho a seguir retirado da coluna *Bom dia senhorita*:

“A jovem enamorada deve ser dona e senhora de seu amor. [...] A mulher que se estima, a que conhece seus próprios méritos, a que tem uma noção clara e firme de sua honradez, de suas aptidões e qualidades[...]. Tem aprumo, firmeza (sic), serena confiança em si mesma e domínio de seus pensamentos. tem, em suma, êsse (sic) elemento que é garantia de triunfo em tôdas (sic) as coisas da vida: - a energia moral. [...] sugere a existência de virtudes indiscutíveis em quem a põe em relêvo (sic).” (JORNAL DAS MOÇAS, 19/01/1956, p.10)

A partir deste fragmento notamos que a mulher deveria buscar manter a sua moral e para isso nunca ser alvo de dúvidas. Buscar fortalecer cada vez mais a sua honra por meio de seus atos e comportamentos, seja no ambiente doméstico ou social. Sendo assim, ela deveria expressar suas virtudes na forma de se vestir, de falar, no cuidado dos filhos, ou seja, sempre buscando corresponder às consideradas qualidades daquela época.

Para o *Jornal das Moças*, percebemos que o conceito de feminilidade significa ser: uma boa mãe, esposa e cuidadora do lar. Esta mulher é representada como aquela que

sabia se comportar, cuidava da aparência, cuidava dos filhos e ensinava os primeiros princípios e o mais essencial era submissa ao seu marido. A mulher ideal era casada, magra, de pele clara, jovial, vestia trajes que marcavam a cintura, tinha cabelos levemente ondulados a altura dos ombros e assim como sua maquiagem seus gestos eram contidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo abordamos a representação da mulher no *Jornal das Moças*, tendo como período de análise a década de 1950, período denominado “anos dourados”. O recorte espacial foi escolhido pelo próprio periódico, o Rio de Janeiro, sede da revista e onde estava a maioria do público leitor. Todavia, a revista circulava no Brasil inteiro. Abordamos também a influência das artistas de rádio, de cinema e das misses no imaginário da mulher na década de 1950. E conhecemos um pouco da história de fundação do *Jornal das Moças* e suas características.

Diante do exposto conhecemos a mulher ideal veiculada pelo *Jornal das Moças*, como uma representação da mulher real, reflexo de uma sociedade conservadora e machista, que não permitia a igualdade na relação homem-mulher. Por meio de suas páginas, de forma velada e poética a revista era instrumento de opressão as mulheres impondo um modelo único. Esse modelo, tinha por base o tripé: esposa, mãe e dona de casa. Desta forma, o *Jornal das Moças* criou uma mulher padrão, a denominando segundo a execução de seu papel. A partir desta análise conhecemos a “boa esposa”, a “mãe dedicada” e a “rainha do lar”.

Em suma, o *Jornal das Moças* veiculava representações traçando uma mulher ideal, concebida pelos homens mesmo quando as matérias tinham a autoria de mulheres. Por meio desta análise, percebemos que na concepção do periódico a mulher deveria sempre ser submissa, resignada e recatada, um ser sem vontade própria. Sendo notório, que a mulher dos “anos dourados” fazia parte de uma sociedade machista que delimitava não só seus espaços, mas também seus comportamentos e atitudes.

“GOLDEN YEARS”: THE REPRESENTATION OF WOMEN IN *JORNAL DAS MOÇAS* IN THE 1950s

ABSTRACT

The present work aims to analyze the representation of women in *Jornal das Moças*, in the 1950s, a period called "golden years". The geographic area of the research will be Rio de Janeiro, headquarters and place of greater circulation of the periodical. This work will address the changes that characterized the 1950s as "golden years", the main events that rocked Rio de Janeiro and the importance of the image of radio, movies, and beauty contests artists in the women's imagination of that period. A survey of the history of the foundation of *Jornal das Moças*, its founders, the characteristics of the magazine and its collaborators will be carried out. An analysis of the columns, sections, illustrations and tests of the magazine will also be carried out, seeking to know the ideal woman, considered "feminine" and represented in the pages of *Jornal das Moças*. Once this is done, it will be sought to understand what this idealized image meant about society at the time.

Keywords: Jornal das Moças. Woman. Representation. Golden Years.

REFERÊNCIAS

FONTES DIGITAIS

ARQUIVO DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 14 ago. 2018.

Jornal das Moças, edições: 1805,1830, 1865,1985, 1939, 1950, 1960, 2018, 2022, 2245, 2039, 2100, 2166 2178, 2186, 2223, 2060, 2263, 2074, 2282, 2315.

FONTES IMPRESSAS

AZEVEDO, Lia Calabre de. **No Tempo do Rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil (1923-1960)**. 2002. 277 p. Tese (Doutorado em transporte). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002. Disponível em:< http://www.carosouvintes.org.br/blog/wp-content/uploads/Tese_Lia_Calabre.pdf> Acesso em: 12 mai. 2018.

_____. A Era do Rádio - Memória e História. XXII Simposio Nacional de História. ANPUH: João Pessoa, 2003. Disponível em:< <https://anais.anpuh.org/?p=16227>> Acesso em: 12 mai. 2018.

BARROS, José d'Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**. DHI/ PPH/UEM, v.9, n. 1, p. 125-141,2005. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2018.

_____. A Nova História Cultural – Considerações Sobre o seu Universo Conceitual e seus Diálogos com Outros Campos Históricos. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v.12, n. 16, 2011. Disponível em:< <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>> Acesso em: 16 fev. 2018.

BONNETI, Alinne. SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. **Gênero, Mulheres, Feminismos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

BRIGLIA, Tcharly Magalhães. SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira. Percursos da Nação e do Feminino nos Anos Dourados. **Dossiê Letras, Linguística e suas interfaces** –Cadernos de Letras da UFF. N.40, 2010, p. 203-221.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

_____. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, série princípios, 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Alges: DIFEL, 2002.

_____. O Mundo Como Representação. **Revista das Revistas**. Estudos Avançados, v.11, n. 5, 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>> Acesso em 18 abr. 2018.

COUTO, Alexandre Guimarães. A Imprensa Esportiva Carioca (décadas 1940-1960). **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, n. 13, p. 509-521, 2017. Disponível em:< http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/02/AGCRJ_revista_180201-1-183-195.pdf> Acesso em 20 mai. 2018.

FERRAZ, José Ricardo. Ninguém Nasce Bela, Torna-se Bela: as passarelas como espaço de gênero no concurso de Miss Brasil-1950/1972. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300598093_ARQUIVO_Ninguemnasebela,torna-sebelaAspassarelascomoespacodeconstrucaodegeneronoconcursoMissBrasil1950a1972.pdf> Acesso em: 20 mai. 2018.

MELO, Vitor Andrade de. PERES, Fabio de Farias. Rio de Janeiro, Uma Cidade Esportiva: um panorama histórico. **Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, n. 13, p. 465-476, 2017. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/02/AGCRJ_revista_180201-1-139-150.pdf> Acesso em:20 mai. 2018.

NASCIMENTO, L. F. do. COUTINHO, S. L. TOLEDO, R. E. Levantamento Histórico da Trajetória do Concurso de Miss Brasil. **XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – INTERCOM**. Volta Redonda, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0516-1.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2018.

PATTI, Elci Antônia de Macedo Ribeiro. **O que pode uma Mulher?** Sexualidade, educação e trabalho. Franca: UNESP-FHDSS, 2004.

PEDRO, Joana Maria. PINSKY, Carla Bassanezzi (Orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. As Mulheres ou os Silêncios da História. São Paulo: EDUSC, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezzi. **Virando as Páginas**: revendo as mulheres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). PINSKY, Carla Bassanezzi (Coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958**: o ano que não devia terminar. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. Mulheres e Revistas: a dimensão educativa dos periódicos *Jornal das Moças*, *Querida* e *Vida Doméstica* nos anos 50. Dissertação (Mestrado em transporte). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2009_1-539-ME.pdf> Acesso em: 17 abr. 2018.